



SEÇÃO:

O “exegeta” e o “teólogo” diante do “escriba”: Episteme e hermenêutica no estudo dos textos bíblicos

*The “exegete” and the “theologian” before the “scribe”:
Episteme and hermeneutics in the study of biblical texts*

*El “exegeta” y el “teólogo” adelante del “escriba”:
Episteme y hermenéutica en el estudio de textos bíblicos*

Leonardo Agostini

Fernandes¹

orcid.org/0000-0003-2060-8307
laf2007@puc-rio.br

Recebido em: 14/5/2019.

Aprovado em: 29/8/2019.

Publicado em: 23/12/2020.

Resumo: A presente reflexão aloca-se no âmbito das teorias do conhecimento. Essas se ocupam do estudo crítico da natureza e dos limites impostos ao saber, em particular no que se refere às estruturas lógicas e às metodologias usadas pelas ciências. Enquanto a exegese realiza a *análise* científica do texto, a teologia bíblica busca oferecer a *síntese* científica dessa análise, pois deseja demonstrar o desenvolvimento histórico-doutrinal da Divina Revelação, contido no Antigo Testamento e no Novo Testamento. Esta reflexão segue uma metodologia analítica, dedutiva e propositiva, subdividindo-se em: introdução; observações preliminares; a noção de texto; breve enfoque sobre o escriba e análise de Eclo 39,1-11; e considerações finais.

Palavras-chave: Sagrada escritura. Exegese bíblica. Teologia bíblica. Hermenêutica.

Abstract: The present reflection is based on the theories of knowledge. These deal with the critical study of the nature and the limits imposed on reason, particularly with regard to the logical structures and methodologies used by the sciences. While exegesis carries out the scientific analysis of the text, the biblical theology seeks to offer the scientific synthesis of this analysis, since it wishes to demonstrate the historical-doctrinal development of the Divine Revelation enclosed in the Old Testament and New Testament. This reflection follows an analytical, deductive and propositive methodology, subdividing in: Introduction; Preliminary observations; The notion of text; Brief focus on the scribe and analysis of Eclo 39:1-11; Last considerations.

Keywords: Sacred scripture. Biblical exegesis. Biblical theology. Hermeneutics.

Resumen: Esta reflexión se asigna dentro de las teorías del conocimiento. Estas tratan del estudio crítico de la naturaleza y los límites impuestos al conocimiento, en particular en lo que respecta a las estructuras lógicas y las metodologías utilizadas por las ciencias. Mientras que la exégesis realiza el análisis científico del texto, la teología bíblica busca ofrecer la síntesis científica de este análisis, ya que busca demostrar el desarrollo histórico-doctrinal de la Revelación Divina contenida en el Antiguo Testamento y el Nuevo Testamento. Esta reflexión sigue una metodología analítica, deductiva y propositiva, subdividida en: Introducción; Observaciones preliminares; La noción de texto; Breve enfoque sobre el escriba y análisis de Eclo 39,1-11; Consideraciones finales.

Palavras clave: Sagrada escritura. Exégesis bíblica. Teología bíblica. Hermenêutica.



Introdução

A aproximação e a aplicação das teorias do conhecimento (epistemologia, em ambiente americano e britânico; gnosiologia, em ambiente francês e alemão) aos estudos bíblicos são um campo em disputa, devido aos diversos tipos de metodologias e de abordagens; mas são, também, um caminho aberto e promissor, que pode ser percorrido por quem não se deixa levar pelo hiato criado entre exegese bíblica e teologia bíblica. Uma constatação pode ser assumida como premissa válida: "a leitura hermenêutica de um texto não é uma realidade neutra; hoje em dia, todas as ciências são devedoras, umas das outras, de contributos significativos na ordem epistemológica para a compreensão integral dos seus conteúdos" (LOURENÇO, 2004, p. 41).

Enquanto a exegese bíblica, pela objetividade metodológica e pelo conjunto de procedimentos empregados com rigor, busca alcançar o dado histórico e literal do texto, a teologia bíblica (sem esquecer que essa é uma parte da teologia que se subdivide em tantas especificações, e sem negar as dificuldades de uma delimitação categórica do seu objeto), pesquisa, indaga e se interessa pela verdade salvífica, presente na realidade literal do texto (*Dei Verbum*, nn. 6 e 11). Já no tocante à exegese e à teologia bíblica, a hermenêutica é considerada uma disciplina auxiliar que indica, seleciona e faz uso de regras teóricas específicas a fim de identificar, conhecer, assimilar e propor os sentidos bíblicos subjacentes aos textos.²

Para uma correta compreensão de um texto, exige-se que o ouvinte-leitor possua, ou busque possuir, um grau de competência histórica e linguística, mais ou menos profunda sobre as supostas condições reais que proporcionaram a produção do texto a ser interpretado. Essa certeza, devidamente respeitada, salvaguarda o texto e o seu inesgotável sentido, porque a arte de interpretar relaciona pessoas que devem transcender a letra, seja ele um exegeta, um

teólogo bíblico, ou um simples fiel interessado na leitura e compreensão dos textos bíblicos.

Uma aproximação entre o exegeta e o teólogo com a figura do escriba, autorretratado em Eclo 39,1-11, como aquele que conhece, conserva, perscruta e explica as Sagradas Escrituras ao povo, poderia ajudar a superar algumas dicotomias que se criam entre a exegese e a teologia bíblica. Nem sempre, porém, o que se propõe como resultado de um estudo exegetico-teológico alcança o que o sábio apresenta em seu poema sobre a procura da sabedoria (Eclo 51,13-20). O desafio hermenêutico é grande: transformar a experiência do êxtase do sentido (exegese), em palavras que curam, salvam, libertam e comunicam vida (teologia bíblica). Nesse sentido, aproximar o sábio escriba à pessoa e ao ensinamento de Jesus Cristo aumenta, ainda mais, a possibilidade de encontrar, ou criar, uma ponte entre a objetividade da exegese e o objetivo primário da teologia bíblica pela verdade salvífica.

1 Observações preliminares

A exegese bíblica e a teologia bíblica possuem interesses e enfoques diferentes, apesar de serem ciências que se complementam, pois se dedicam à tarefa de interpretar os textos bíblicos, buscando, na descoberta do sentido literal, a real possibilidade de se fazer a devida passagem do texto à vida, permitindo propor a sua atualização em função das novas situações existenciais (DREYFUS, 1979, p. 5-58; SILVA, 2015, p. 43-59).

Ao longo da pesquisa, um *exegeta não teólogo* possui mais liberdade e está mais coberto de isenção do que um *exegeta-teólogo* que não pode renunciar a certos princípios hermenêuticos, dentre os quais está a centralidade cristológica da leitura e da interpretação da Sagrada Escritura (*Dei Verbum*, nn. 2,4,16).³ Se, por um lado, existe a possibilidade de se fazer exegese de um texto bíblico sem preocupação teológica, por outro lado, não se deveria fazer teologia bíblica sem o devido uso

² A *noemática* ensina a distinguir e a classificar os sentidos dos textos bíblicos; a *heurística* oferece os critérios para a pesquisa desses sentidos; e a *proforística* propõe os princípios para o uso teórico e prático desses mesmos sentidos (FABRIS, 1999, p. 457-482; PCB, 1993, p. 93-102).

³ Pode-se dizer que na *Dei Verbum* se encontra um estatuto teológico da Sagrada Escritura (THEOBALD, 2011, p. 57-75), o que permite afirmar que nessa constituição se encontram "os elementos essenciais de uma síntese entre o método histórico e a 'hermenêutica' teológica" (RATZINGER, 2003, p. 26).

da exegese. Tal procedimento, lamentavelmente, pode acontecer no âmbito acadêmico.⁴

A exegese, por sua natureza, concentra os seus esforços no significado que o texto possui em si mesmo e busca, na medida do possível, recuperar aquela relevância desejada pelo autor real para o seu real destinatário. O difícil, aqui e em muitos casos, é conseguir, com isenção e pouca margem de erro, encontrar e tentar reconstruir o suposto *contexto vital* que subjaz ao texto e que foi fundamental tanto para o autor como para o seu real destinatário.

Nessa etapa do estudo, o exegeta, raramente, consegue ficar livre de conjecturas, pois, a rigor, a "história" bíblica não é objetiva, ou confiável. Além disso, os livros de história antiga e de arqueologia não oferecem os elementos necessários para que se faça a reconstrução do suposto *contexto vital* (FINKELSTEIN; SILBERMAN, 2002, p. 17-37; LIVERANI, 2003, p. 404-405; KESSLER, 2009, p. 34-44). Em muitos casos, o exegeta precisa agir e trabalhar como se fosse um autêntico "garimpeiro" de pedras preciosas em um monte, ou em um rio, repleto de impurezas.

A metodologia assumida e empregada na exegese ajuda e permite que o exegeta permaneça fixo na objetividade do seu estudo e, com isso, possa conseguir manter a justa distância, os interesses e as preocupações, próprias e subjetivas, do teólogo (bíblico ou sistemático) que, geralmente, se inquieta não apenas com a compreensão do texto, mas, principalmente, com o impacto, com a relevância e com a atualização da mensagem para o destinatário hodierno.

A postura assumida pelo exegeta pode se revelar "fria" e talvez desprovida de sentido para aquele que não possui o tempo, não tem conhecimento adequado das línguas bíblicas e não sabe usar as "ferramentas" necessárias

para realizar, com rigor, o estudo exegético de um texto bíblico. Assim, a postura do exegeta é fundamental para que o seu trabalho venha a ser o mais objetivo possível e consiga alcançar um nível confiável de interpretação para que o teólogo bíblico possa usá-la na sua tentativa de mostrar a verdade salvífica e a relevância da mensagem contida nos textos.

Portanto, os resultados obtidos pelo exegeta tornam-se o ponto de partida do trabalho do teólogo bíblico. Do momento em que se "descobre" o sentido literal do texto, com tudo o que o envolve, existe grande probabilidade de que, pela habilidade do teólogo bíblico, esse sentido possa ser atualizado para um novo momento da história e um novo e atual grupo de destinatários.⁵

As disposições acima mencionadas são necessárias e devem ser feitas com a máxima imparcialidade. Geralmente, durante as pesquisas, os interesses, compromissos e experiências pessoais são levados ao texto e afetam o que se pode, ou o que se pretende, ver no texto. Quando isso acontece, não se praticou exegese, ou teologia bíblica, mas *eisegese*, termo que passou a ser usado de forma pejorativa para indicar que a leitura e a interpretação do texto são mera aplicação arbitrária de ideologias.⁶

Um ponto comum pode ser evocado: o texto é o tesouro, enquanto testemunho escrito do vivo interesse do "escriba", que pode, ou não, ser o seu autor, cuja preocupação primária é a comunicação da mensagem repleta de significados a ser apropriada pelo destinatário. Essa apropriação exige o conhecimento e o alcance dos signos que foram utilizados pelo autor. Assim, ao se ler e se estudar o texto bíblico, essa dinâmica reaparece, pois tanto o exegeta como o teólogo bíblico se tornam os novos destinatários do texto. Esses ficam

⁴ Uma crítica sutil e muito oportuna foi feita por J. Ratzinger (Papa Bento XVI, 2011, p. 12) no prefácio do volume: "Uma coisa parece-me óbvia: em 200 anos de trabalho exegético, a interpretação histórico-crítica já deu o que de essencial tinha para dar. Se a exegese bíblica científica não quer exaurir-se em hipóteses sempre novas, tornando-se teologicamente insignificante, deve realizar um passo metodologicamente novo e voltar a reconhecer-se como disciplina teológica, sem renunciar ao seu caráter histórico".

⁵ Penso, por exemplo, nos pregadores que necessitam, em função do ministério pastoral, dos estudos e resultados exegético-teológicos. É como afirmou, oportunamente, F. Dreyfus (1975, p. 359): "Ainsi l'activité du prédicateur annonçant le message du texte biblique à sa communauté s'insère dans tout un courant de vie ecclésiale qui aura scruté les différents aspects du message et sa capacité d'éclairer para la lumière divine les situations diverses du peuple de Dieu".

⁶ O termo grego *eisagō* significa "introduzir". Na *eisegese*, prevalece uma interpretação que introduz no texto elementos preconcebidos e desprovidos da objetividade próprias da exegese. Por exemplo: em certos Salmos messiânicos, foram aplicadas prerrogativas teológicas cristãs, transformando o que é histórico em escatológico (GILLINGHAM, 2005, p. 217-245). Para um exemplo de *eisegese*: FERNANDES, 2018, p. 439-461.

comprometidos a se empenhar com seriedade na pesquisa e na forma como o texto será abordado.

2 A noção de texto

Muitas teorias buscam explicar esta questão (SILVA, 2000, p. 23-24). Antes de oferecer uma definição, dentre tantas existentes, apresento uma ideia preliminar: um texto é um produto, um feito humano significativo, que é, por sua vez, rico de vários significados que aguardam a sua decodificação pelo ouvinte-leitor.

O texto é o tecido que procura veicular uma ideia; é a codificação oral ou impressa de uma intenção; é a encarnação de um projeto comunicativo através de dados materiais: sinais linguísticos, palavras e categorias conceituais que são utilizados e que estão à disposição do autor para comunicar, a quem dele se aproxima, uma informação ou um estado de espírito.

Dessa definição resulta o seguinte: interpretar um texto é uma arte que busca ascender da realização material ao pensamento-intenção de quem o escreveu. É o ato de se percorrer um itinerário que vai da mente do ouvinte-leitor, que realiza seu significado material que tem diante de si, à mente do autor que no texto imprimiu tal significado. Quem percorre esse itinerário serve-se de uma certeza: "o texto, uma vez materializado na escritura, já não depende necessariamente de seu autor, o qual não está presente para dar os esclarecimentos necessários" (ARTOLA; SÁNCHEZ CARO, 1996, p. 338). Por isso, o trabalho do exegeta é fundamental e dinâmico para que se descubra o máximo possível da realidade e do pensamento do autor real e dos destinatários reais que estão subjacentes ao texto.

A aceitação dessa múltipla definição comporta outra afirmação que requer uma nova aceitação: todo texto possui a sua própria objetividade que, por sua vez, deveria corresponder à objetividade

de toda e qualquer tentativa de interpretação que dele se queira ou se pretenda fazer. Assumir essa postura evita que se fossilize a objetividade e a propriedade aberta para novas interpretações de um texto, porque o ouvinte-leitor sofre com os seus efeitos e impactos, base indispensável para as futuras atualizações.

O ouvinte-leitor, de algum modo, não busca apenas o sentido que o autor desejou imprimir ao reproduzir a sua ideia, transferindo-a para um texto. O ouvinte-leitor se percebe também cocriador com o autor do sentido de um texto, porque o texto possui a força de provocar o interlocutor. Essa provocação ocorrerá, mais ou menos, na medida em que o interlocutor possuir e deter os instrumentos necessários para "entrar no mundo do autor" que, ao criar, ou produzir, o texto, concedeu-lhe vida própria e a possibilidade de ser atualizado na vida dos que a ele tiverem acesso.⁷

Todavia, para isso acontecer, é fundamental defender a *objetividade do texto e do sentido dado pelo seu autor*. No texto reside um sentido completo e o autor é a "fonte" desse sentido. Pode-se dizer que a *objetividade do texto coincide com a subjetividade do seu autor*, isto é, com a intenção expressa, que habita e constitui o texto em todos os seus detalhes e sentido.

Visto que os textos bíblicos foram escritos em uma época particular e dirigidos a um público específico, antes mesmo que passassem pelo processo de "canonização", quem deseja lê-los, estudá-los, compreendê-los e interpretá-los, precisará fazer consciente uso de uma certeza da modernidade: não podemos conhecer a verdade plena sobre nada nem ninguém. Assim, o sentido literal buscado no texto nunca será o definitivo, mas o provisório válido, legítimo e aberto para que novas atualizações possam acontecer e, pouco a pouco, a verdade da mensagem se plenifique.

Por isso, a hermenêutica⁸ não estará livre da

⁷ A atualização *ad extra* da Sagrada Escritura tem seu ponto de partida na atualização *ad intra*. A aceitação disso permitiria que a busca da unidade entre diacronia e sincronia não fosse uma mera utopia e que essas duas formas de abordagem fossem, de fato, complementares e não excludentes (DREYFUS, 1976, p. 161-202).

⁸ Apesar do uso no singular, a terminologia deveria ser considerada no plural, pois a tradição judaico-cristã não conservou ou adotou uma hermenêutica, mas várias, inspiradas na dinâmica interna presente no Antigo e Novo Testamento que, em si, são os primeiros intérpretes de seus próprios textos. Nesse sentido, não é o exegeta ou o teólogo que, por primeiro, interpretam a Bíblia, mas é a Bíblia que interpreta a si mesma, basta pensar nas duplicatas, nas releituras e nas diversas formas de alusão e intertextualidade. Tanto a hermenêutica rabinica como a patrística conheceram e aplicaram esse procedimento interpretativo (TREBOLLE BARRERA, 1999, p. 513-514). Uma contribuição importante para o estudo hermenêutico encontra-se em GRECH, 2005.

"criação da mensagem" quando se interpreta o que foi lido, porque o texto é renovado na vida e nas intenções do ouvinte-leitor. Assim, o exegeta e o teólogo bíblico, enquanto hermenêutas, deverão assumir posturas diante do texto: fidelidade na escuta, na leitura e na análise metodologicamente realizada. Se esta fidelidade ocorre, verifica-se o salutar envolvimento da *objetividade-subjetividade do ouvinte-leitor* com a *objetividade-subjetividade do autor*.

3 Breve enfoque sobre o escriba e análise de Eclo 39,1-11

3.1 A escrita e o escriba na antiguidade

A capacidade de ler e de escrever, sem dúvida, foi fundamental para impulsionar o desenvolvimento da civilização que alvoreceu, do ponto de vista geográfico, no Antigo Oriente Próximo, e que ocorreu, do ponto de vista cronológico, em um momento que poderia ser definido como um "tempo bom e oportuno" (εὐκαιρία).⁹ Admite-se que Egito e Mesopotâmia foram os berços da produção e da difusão de seus elaborados e complexos sistemas de registro da realidade ou da fantasia.

Tal capacidade podia surgir em qualquer classe social. Mas, quem podia se tornar um escriba na antiguidade? Que recursos o habilidoso devia ter? Que renúncias ele devia fazer? Onde ele podia aprender a ler e a escrever? Por mais que despertassem o entusiasmo e o interesse, essa habilidade se encontrava em pouquíssimas pessoas, pois demandava tempo, muita dedicação no aprendizado e, certamente, eram necessários recursos econômicos.

Quem conseguia se tornar escriba (כֹּתֵב, em hebraico, e γραμματεὺς, em grego),¹⁰ ascendia socialmente e, pouco a pouco, passava a controlar não apenas as informações que circulavam em suas mãos e entre seus olhos, mas a própria vida das pessoas, independentemente da classe social à qual pertenciam.

Agricultores, pastores, comerciantes, artesãos, nobres e reis passavam a depender dos serviços dos escribas, pois todos estavam sempre muito ocupados com seus afazeres que demandavam tempo e energias para cuidar dos negócios. Por isso, o registo, muitas das vezes, era delegado ao escriba que passava a ter o controle sobre as pessoas e as suas transações comerciais.

A escola, como local apropriado do "tempo bom, oportuno e ocioso" (εὐκαιρία σχολῆς), surgiu com os escribas e, rapidamente, se tornou um centro de conhecimento, de criação e de difusão da sabedoria (σοφία) e da ciência (ἐπιστήμη) que, pouco a pouco, deixava a base da oralidade e se tornava a força da literatura codificada. Essa, por sua vez, passou a demandar a ciência da interpretação do seu sentido literal e autêntico (ἐρμηνεία).¹¹

Se, por um lado, com o advento da escrita, o ser humano ganhou novas possibilidades e suas perspectivas foram ampliadas, por outro lado, a cultura, por ele produzida, também sofreu grandes e profundas transformações que não conheceram freios, e parece que ainda não conhecem, pois todas as atividades humanas se tornaram dependentes da leitura e da escrita.

Todavia, o mundo contemporâneo, altamente científico e tecnológico, não se encontra mais debaixo da dependência do escriba como na antiguidade. Apesar disso, essa figura conserva toda a sua importância, porque suas habilidades estão presentes nos diversos campos do saber, e estão codificados em milhões de testemunhos escritos. Se a literatura antiga revela o quanto o escriba conhecia as possibilidades da sua ciência e competência, também mostra o seu esnobismo frente às demais atividades humanas, em particular pelos ofícios manuais e artesanais.

3.2 A sabedoria educadora do escriba

Eclo 38,24 afirma: "A sabedoria do escriba está no bom tempo da escola, e aquele que diminui a sua ação prática se tornará sábio" (σοφία γραμματέως

⁹ Sem correspondente em hebraico, na LXX ocorre cinco vezes: Sl 9,10,22; 144,15; Eclo 38,24; 1Mac 11,42.

¹⁰ A tradução de כֹּתֵב por γραμματεὺς passou a significar o secretário, o escriba e o especialista da Torah. O NT é o último a testemunhar essa forma linguística, pois essa nomenclatura já não se encontra nas obras de Filão de Alexandria e Flávio José (NIEHR, 2006, coluna 279).

¹¹ O termo ἐρμηνεία somente ocorre no elogio da sabedoria de Salomão em Eclo 47,17 e com o sentido de interpretação que decorre da tradução no verso 20 (ou v. 19) do prólogo do livro.

ἐν εὐκαιρίᾳ σχολῆς καὶ ὁ ἔλασσοῦμενος πράξει αὐτοῦ σοφισθήσεται). Essa constatação parece refletir a mentalidade esnobe acima citada, mas o seu contexto próximo posterior permite entrever que havia bem mais respeito pelas demais profissões, porque são as que garantem a vida e a sobrevivência social, inclusive para que o próprio escriba continue desenvolvendo suas habilidades.¹²

Uma questão se impõe: Na antiguidade, quem exercia a profissão de agricultor, pastor de gado miúdo e graúdo, carpinteiro, ferreiro e oleiro poderia se tornar um escriba (Eclo 38,27-32a)? Não, seria a resposta mais plausível, porque, para se dedicar aos estudos, exigia-se, além da reconhecida habilidade, tempo e recursos econômicos. Contudo, o Sirácida sabe que, sem esses profissionais práticos, as cidades não seriam construídas e ele não teria como viajar e se instalar. Em tudo percebia o útil!

Se, por um lado, esses profissionais “não estão no conselho do povo”, “não se sentam na cadeira do juiz”, “não compreendem os decretos” e “não estão entre os líderes e criadores de máximas”; por outro lado, são os que asseguram o funcionamento da criação pelo exercício da sua profissão repleta das suas orações (Eclo 38,32b-34).

Segundo Eclo 39,1-11, porém, tudo é diferente na vida do escriba. Vale a pena dedicar algumas reflexões sobre as afirmações contidas nesse lindo e profundo poema.¹³

¹²Mas, o que aplica a sua alma e medita na lei do Altíssimo:

indagará a sabedoria de todos os antepassados e se ocupará com as profecias;

²observará os relatos dos homens famosos e penetrará nas sutilezas das parábolas;

³indagará o recôndito dos provérbios, e se deleitará com os enigmas das parábolas.

⁴Servirá no meio dos grandes,

será visto entre os dirigentes,

percorrerá as nações estrangeiras,

e provará, entre os homens, o bem e o mal.

⁵Madrugará para dedicar o seu coração ao SENHOR, seu criador,

e suplicará diante do Altíssimo;

abrirá a sua boca na oração

e suplicará por seus pecados.

⁶Se o SENHOR, o Grande, o quiser,

será repleto do espírito de inteligência;

verterá como chuva as palavras de sua sabedoria

e na sua oração agradecerá ao SENHOR.

⁷Ele será guiado pelo seu conselho e episteme,

e meditará em seus segredos;

⁸manifestará a instrução de seu ensinamento

e se orgulhará na lei da aliança do SENHOR.

⁹Muitos louvarão a sua inteligência

e nunca será cancelada;

não apagará a sua lembrança

e seu nome viverá para sempre.

¹⁰As nações publicarão a sua sabedoria

e a assembleia pronunciará seu elogio.

¹¹Se permanece, seu nome viverá mais que mil e se morre isso lhe basta.

O poema pode ser estruturado em quatro partes¹⁴: vv. 1-3: o sábio se distingue pela dedicação à TaNaK; vv. 4-5: vida pública e privada do sábio; vv. 6-8: os dons do SENHOR são o fundamento do ensinamento do sábio; vv. 9-11: inteligência e sabedoria imortalizam o sábio.

De um lado, estão os hábeis profissionais que podem ser designados por sua sabedoria prática (Eclo 38,24-34). Do outro lado, está o sábio escriba que se dedica e se deleita com a sabedoria contida na TaNaK (Eclo 39,1-11). O Sirácida, à diferença, por exemplo, da sátira egípcia sobre os profissionais manuais (ANET 432-434), não os ridiculariza, mas por eles expressa apreço e, graças a eles, consegue exaltar e evidenciar a vocação do escriba.

Digno de nota é o valor da oração presente tanto na atitude dos profissionais manuais (Eclo 38,34),

¹² A literatura sapiencial contida na Sagrada Escritura dedica amplo espaço e reflexão ao tema do trabalho humano, sem deixar de fora as condições que o envolvem, em particular o seu aspecto religioso, marcado pela fé em Deus que “trabalha” e determina o ritmo do trabalho (Gn 1,1-2,4a), em particular Gn 2,15 que atribui o trabalho ao ser humano, desde o seu surgimento (PALMA, 1997, p. 423-433).

¹³ Tradução a partir da *Septuaginta*, editada por A. Rahlfs (1962, p. 444-445).

¹⁴ Existem muitos paralelos, mas alguns são mais pertinentes porquanto exaltam a sabedoria e a inteligência na vida e ensinamento do sábio: Pr 1,2-7; Ecl 12,9-10; Eclo 24,30-34; Sb 7-8.

como na postura do escriba (Eclo 39,5). Fica claro que sem uma atitude orante, nenhuma profissão pode alcançar o êxito desejado. Para o sábio escriba, esse êxito tem a ver com a descoberta das riquezas que existem na Torah, nos Escritos e nos Profetas.¹⁵ A sabedoria que decorre dessa meditação aproxima o sábio escriba do orante do SL1 que tem o seu prazer na lei do SENHOR. Nota-se que existe uma relação entre Eclo 39,1 e o prólogo do Sirácida que alude à divisão tripartida dos livros que já eram considerados sagrados no século II a.C.

O tempo "livre, bom e oportuno" do sábio escriba serve para assumir um itinerário que lhe permita perscrutar as realidades profundas que existem nos "relatos dos homens famosos", nas "sutilezas das parábolas", no "recôndito dos provérbios" e nos "enigmas das parábolas". Esse é o principal objeto do seu estudo e ao qual dedica o seu tempo sem medir esforços para compreender e interpretar a sua mensagem. Eis a tarefa do exegeta e do teólogo bíblico!

O sábio escriba, graças ao fruto do seu estudo-trabalho, encontra destaque entre os mais nobres e abastados, pois pertence a uma classe que goza de imenso respeito tanto pelo que é como pelo que faz. Isso lhe permite empreender viagens e conhecer outros lugares e nações, pelas quais pode aumentar, ainda mais, o seu saber, e, por experiência, aprender a discernir melhor entre o bem e o mal existentes entre os homens (Eclo 39,4). Assim o trabalho e a dedicação do escriba se alinham com a vontade do SENHOR sem que usurpe, como fizeram os progenitores da humanidade no Jardim do Éden, da "árvore do conhecimento do bem e do mal" (Gn 2,9.17).

Se, por um lado, a corte é o ambiente pelo qual transita o sábio escriba, atuando como secretário do monarca (2Sm 8,17; 20,25; 1Rs 4,3), ou do governador (Ne 13,13), por outro lado, as viagens que empreende (Eclo 34,11), seguindo o exemplo

dos filósofos gregos itinerantes,¹⁶ lhe permite ampliar a sua ciência (ἐπιστήμη).

O sábio escriba parece que faz tudo como se tudo dele dependesse, mas tem a certeza de que a sua fonte é o seu Criador, a quem se dedica desde cedo, a quem dirige a sua confiante oração e a quem pede perdão: "Madrugará para dedicar o seu coração ao SENHOR, seu criador, e suplicará diante do Altíssimo; abrirá a sua boca na oração e suplicará por seus pecados" (Eclo 39,5).

Essa consciência permite ao escriba assumir uma postura humilde e rica de elementos antropológicos e teológicos, pelos quais se abre para receber as bênçãos: "será repleto do espírito de inteligência"; e para se tornar, por sua missão, um canal das bênçãos recebidas: "verterá como chuva as palavras de sua sabedoria". Bênçãos que se tornam matéria viva da sua oração de ação de graças (Eclo 39,6).

O resultado dessa postura, como em uma relação de causa e efeito, permite que se veja a transformação que dela deriva: "será guiado pelo seu conselho e ciência". A proximidade com o SENHOR e as bênçãos, que o sábio escriba recebe, concedem a ciência de perscrutar não só os segredos da realidade exterior, mas o seu próprio íntimo: "e meditará em seus segredos" (Eclo 39,7). Nisso está uma grande lição para quem se dedica ao trabalho exegético-teológico: descobrir a vontade do SENHOR no confrontar-se com a Palavra; e assimilar o que descobre e fazer com que o conhecimento adquirido se torne a razão e a ética do seu comportamento.

O sábio escriba extravasa, como mestre, nos assuntos internos e externos da realidade: "manifestará a instrução de seu ensinamento", permitindo que outros sejam beneficiados. Assim, a sua vida e a sua profissão atingem o ápice da obediência da fé: "e se orgulhará na lei da aliança do SENHOR" (Eclo 39,8). Nesse sentido, a trilogia,

¹⁵ Esta sequência concorda com a LXX que coloca os sapienciais na frente dos proféticos. Eclo 49,10 permite pensar que o *corpus* dos Doze Profetas já havia alcançado a sua forma final, mas com uma ordem diferente da Bíblia hebraica. Então, tanto a tradução como a posição dos livros indicam que a LXX não é só uma versão da literatura hebraica considerada sagrada, mas é uma obra de interpretação e de exegese (TREBOLLE BARRERA, 1999, p. 380-383, 521-524).

¹⁶ A guerra podia ser a razão de uma viagem do escriba, encarregado de fazer os registros necessários: relatar a vitória, discriminar e contabilizar despojos e prisioneiros (ANEP 235, 236, 364.367.370). O escriba em Jz 5,14 parece ser um comandante militar presente no campo de batalha e em 1Mac 5,42 aparece encarregado da organização e administração do exército (cf. Ex 5,6; Dt 20,5.8-9; Js 1,10; 3,2).

em cadeia, é rica de sentido teológico: lei (νόμος), aliança (διαθήκη) e SENHOR (κύριος)¹⁷.

Enfim, uma sublime iluminação do Sirácida desponta em Eclo 39,9-11 ao assumir que o sábio escriba, por sua sabedoria, ciência e dedicação, é merecedor de um justo reconhecimento do povo não apenas durante a sua vida, mas também após a sua morte:

⁹Muitos louvarão a sua inteligência e nunca será cancelada;

não apagará a sua lembrança e seu nome viverá para sempre.

¹⁰As nações publicarão a sua sabedoria e a assembleia pronunciará seu elogio.

¹¹Se permanece, seu nome viverá mais que mil, e se morre isso lhe basta.

Na dinâmica da teologia da retribuição, esse reconhecimento do Sirácida, ainda que não seja uma clara noção de ressurreição individual, conjuga, coerentemente, o nome dos sábios com a sua memória que permanece viva no elogio do povo. Assim, a morte não é considerada o fim da existência do sábio e o Sirácida supera a ácida crítica sapiencial de Qohelet sobre a morte e o sentido da vida (Ecl 3,19; 7,1).

3.3 *Jesus sabedoria e os escribas*

Acredito que um passo ulterior possa ser dado, sem adentrar nas inúmeras ocasiões de confronto, lançando um olhar para a relação entre Jesus e os escribas da sua época, visto que tinham alcançado o nível da intelectualidade judaico-rabinica.

Gostaria de evocar, como ponto de partida, uma máxima de Jesus: "um escriba instruído no reino dos céus é semelhante a um pai de família que do seu tesouro tira coisas novas e antigas" (Mt 13,52).

Nessa máxima, não me parece que haja uma clara oposição entre o escriba da lei e o escriba do reino dos céus, apontando para uma mera superação do NT em relação ao AT. O foco, porém, está bem mais concentrado na comparação que Jesus fez do escriba com o pai de família, locução que somente reaparece na parábola dos trabalhadores diaristas da vinha (Mt 20,1.11),

pela qual Jesus revela a justiça do reino dos céus. Nesse sentido, acredito que Eclo 38,24-34 e 39,1-11 podem ser relidos e reinterpretados à luz da fé e dos ensinamentos de Jesus Cristo.

Em primeiro lugar, permitindo rever a dicotomia entre sabedoria artesã e sabedoria do escriba, pois Jesus Cristo, segundo Mt 13,55, é o "filho do artesão" (ὁ τοῦ τέκτονος υἱός), e segundo Mc 6,3 é o próprio artesão (οὐχ οὗτός ἐστιν ὁ τέκτων). Ambos os textos estão contextualizados na visita à cidade de Nazaré, onde, na sinagoga, Jesus abriu sua boca para ensinar e causou grande admiração e estupor. Pode-se admitir que os seus ouvintes sabiam que ele não tinha frequentado uma escola rabinica e, por isso, ignoravam de onde provinha a sua sabedoria. Contudo, Jesus Cristo, curiosamente, não se comparou a um escriba, que evocava as tradições sapienciais, mas a um profeta, razão pela qual é desprezado na sua pátria, entre seus parentes e na sua própria casa (Mt 13,55; Mc 6,4).

Em segundo lugar, é possível admitir uma intencionalidade nos evangelistas: mostrar que Jesus Cristo, enquanto profeta, supera a ciência e a sabedoria dos escribas da sua época. Essa intencionalidade é, pela fé e pela razão, histórica e retórica, pois a TaNaK alcançou a sua plena concretização nas palavras e ações de Jesus Cristo. Além disso, como sábio por excelência, fez das parábolas um método e um grande veículo do seu ensinamento: "Abrirei minha boca em parábolas, revelarei coisas ocultas desde a origem do mundo" (Mt 13,35, cf. Sl 78,2); "E com muitas parábolas lhes propunha a Palavra, tal como eram capazes de ouvi-la; e sem parábolas não lhes falava; aos seus discípulos, porém, explicava tudo em privado" (Mc 4,33-34).

Ao contrário do sábio escriba que, por seu saber, circula entre os nobres, Jesus Cristo preferiu estar com os mais humildes, assumiu a forma peripatética e ensinou às multidões e aos discípulos, ao longo do caminho, a discernir entre o bem e o mal (Sl 1). Ao mal combateu peremptoriamente. Repleto do espírito de inteligência, todos se admiravam dele e de suas

¹⁷ Pode-se evocar 2Rs 22,3-5 e a "descoberta" do livro da lei, durante os trabalhos de restauração do templo e a ação do escriba Safan que não só foi o emissário, mas o leitor desse livro diante do rei Josias que assumiu a postura penitencial diante do que ouviu (2Rs 23,10).

palavras (Lc 2,47, cf. Is 11,2). Buscou na solidão e no silêncio da noite e dos locais afastados a sua pessoal comunhão com Deus Pai (Mc 1,35-39). Preferiu ficar do lado dos pecadores e marginalizados (Mc 2,13-17). O seu ensinamento irrigou a terra como chuva e fez florescer a vida (Dt 32,2), pois assim age o seu Pai que faz cair a chuva sobre justos e ímpios (Mt 5,45).

Considerações finais

A imortalização do escriba deve-se não apenas à sua habilidade, conhecimento das letras e ciência das Sagradas Escrituras, mas à fidelidade com a qual é capaz de fazer a sua leitura e interpretá-las, a fim de explicá-las ao povo, revelando a verdade salvífica nelas contida.¹⁸ Assim, a pena do escriba não distorce e não transforma a lei do SENHOR em uma mentira (Jr 8,8) e a exegese não se torna *eisegese*, mas se mantém no caminho do compromisso com a verdade contida nos textos.

Sem nada excluir do seu sentido literal, a breve aproximação de Eclo 39,1-11 a Jesus Cristo e à sua ação permite que se verifique a concretização do conteúdo proposto pelo sábio escriba. Ao lado disso, a sua inteligência sai louvada e a sua memória revivida; o seu nome é elogiado e ressurgue naquele que é o exegeta e o teólogo por excelência das Sagradas Escrituras: Jesus Cristo,¹⁹ em quem, para sermos fiéis à sublime vocação que recebemos, devemos nos espelhar ao ler e ao interpretar os textos bíblicos.

Diante do sábio escriba e da Sagrada Escritura, que foi produzida sob a inspiração do Espírito Santo²⁰, razão pela qual ele é, comumente, designado hagiógrafo, é preciso assumir com convicção, o que afirmou, lucidamente, Ignace de la Potterie (2003, p. 83): "A exegese não é simplesmente uma ciência filológica ou histórica. É uma ciência da

interpretação aplicada à Sagrada Escritura; por esta razão é e deve ser uma ciência teológica".

Portanto, se existe a ciência da Sagrada Escritura, denominada exegese bíblica, é porque existe a ciência denominada teológica e ambas existem como diaconia da ciência da fé que brota da Divina Revelação. Essa precisa ser conhecida, despertada no povo e validamente nutrida por aqueles que, por primeiro, devem dar um vivo, lúcido, salutar e eloquente testemunho de fé no meio dos seres humanos: os exegetas e os teólogos, conscientes de que estão submetidos única e exclusivamente à autoridade da verdade que liberta (FERNANDES, 2016, p. 339-380).

Referências

ARTOLA, Antonio M.; SÁNCHEZ CARO, José Manuel. *Bíblia e Palavra de Deus*. São Paulo: Ave-Maria, 1996.

AUWERS, Jean-Marie. Teologia e exegese nos Padres da Igreja. In: MIES, Françoise (org.). *Bíblia e teologia: a inteligência da fé*. São Paulo: Loyola, 2011. p. 77-96.

De la POTTERIE, Ignace. La exégese bíblica, ciencia de la fe. In: VV.AA. *Escritura e Interpretación*. Los fundamentos de la interpretación bíblica. España: Libros Palabra, 2003. p. 55-98.

di PALMA, Gaetano. Il lavoro nei Libri Sapienziali. In: BONORA, Antonio; PRIOTTO, Michelangelo. *Libri Sapienziali e altri scritti*. Leumann/Torino: Elle Di Ci, 1997. p. 423-433.

DREYFUS, F. Exégèse en Sorbonne, exégèse en Église. *Revue Biblique*, n. 82, p. 321-359, 1975.

DREYFUS, F. L'actualisation a l'intérieur de la Bible. *Revue Biblique*, n. 83, p. 161-202, 1976.

DREYFUS, F. L'actualisation de l'Écriture I: Du texte à la vie. *Revue Biblique*, n. 86, p. 5-58, 1979.

DREYFUS, F. L'actualization de l'Écriture II: L'action de l'Esprit. *Revue Biblique*, n. 86, p. 163-193, 1979.

DREYFUS, F. L'actualization de l'Écriture III: La place de la Tradition. *Revue Biblique*, n. 86 p. 321-384, 1979.

¹⁸ Nesse elogio, um particular chama a atenção. No pós-exílio, Esdras foi exaltado como hábil escriba versado na lei do SENHOR (Esd 7,6), e que proclamou essa lei para o povo (Ne 8,1-3). Apesar disso, o Sirácida elogiou apenas Neemias (Eclo 49,13). Por qual motivo deixou Esdras de fora desse elogio?

¹⁹ Pelo princípio hermenêutico dos Padres da Igreja, o ato de explicar consistia em oferecer aos fiéis os diversos sentidos contidos na Sagrada Escritura à luz de Jesus Cristo. Portanto, não se nota uma clara distinção entre teologia bíblica e teologia especulativa. Orígenes, certamente, foi um dos grandes mestres da Sagrada Escritura e a quem são devidos os primórdios da preocupação crítica com o texto bíblico (AUWERS, 2011, p. 77-96).

²⁰ O Espírito Santo agiu no processo elaboração da Sagrada Escritura, é a inteligência e o responsável pela sua atualização na vida da Igreja (DREYFUS, 1979, p. 163-193). Esta certeza implica, como atesta a *Dei Verbum* 7-10, na aceitação de que pela Sagrada Tradição, uma com a Sagrada Escritura, também progride pela ação do Espírito Santo (DREYFUS, 1979, p. 321-384).

FABRIS, Rinaldo. Storia dell'Esgesi Ebraica e Cristiana. In: FABRIS, Rinaldo e collaboratori. *Introduzione Generale alla Bibbia* (Logos 1). Leumann/Torino: ELLE DI CI, 1999. p. 457-482.

FERNANDES, Leonardo Agostini. A Universidade deve estar ligada, exclusivamente, à autoridade da verdade. *Franciscanum*, [S. l.], n. LVIII, p. 339-380, 2016. <https://doi.org/10.21500/01201468.2192>

FERNANDES, Leonardo Agostini. Aborto justificado? O equivoco da leitura e da interpretação espúria de Ex 21,11-25; Nm 5,11-31; Sl 139,16. *Vox Scripturae*, v. XXVI, n. 3, p. 439-461, 2018. [https://doi.org/10.25188/FLT-VoxScript\(eISSN2447-7443\)vXXVI.n3.p439-461.LAF](https://doi.org/10.25188/FLT-VoxScript(eISSN2447-7443)vXXVI.n3.p439-461.LAF)

FINKELSTEIN, Israel; SILBERMAN, Neil Asher. *Le tracce di Mosè. La Bibbia tra storia e mito*. Roma: Carocci, 2002.

GILLINGHAM, S. E. O Messias nos Salmos: uma questão da história da recepção e o Saltério. In: DAY, John (org.). *Rei e Messias*. Em Israel e no Antigo Oriente Próximo. São Paulo: Paulinas, 2005. p. 217-245.

GRECH Prosper. *Il messaggio biblico e la sua interpretazione*. Saggi di ermeneutica, teologia ed esegesi. Bologna: EDB, 2005.

KESSLER, Rainer. *História Social do Antigo Israel*. São Paulo: Paulinas, 2009.

LIVERANI, Mario. *Oltre la Bibbia. Storia antica di Israele*. Roma-Bari: Editori Laterza, 2003.

LOURENÇO, João Duarte. *Hermenêuticas Bíblicas. Da Palavra às Palavras – em busca do 'sentido' da Escritura*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2004.

NIEHR, H. נִיֵּהֵר. In: BOTTERWEK, G. Johannes; RINGGREN, Helmer. *Grande Lessico dell'Antico Testamento* (vol. VI). Brescia: Paideia, 2006, colunas 270-279.

PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *A Interpretação da Bíblia na Igreja*. São Paulo: Paulinas, 1993.

RATZINGER, Joseph. (Bento XVI). *Jesus de Nazaré*. Da entrada em Jerusalém até a Ressurreição. São Paulo: Planeta, 2011.

RATZINGER, Joseph. La Interpretación Biblia en conflicto. Sobre el problema de los fundamentos y la orientación de la exégesis hoy. In: VV. AA. *Escritura e Interpretación. Los fundamentos de la interpretación bíblica*. España: Libros Palabra, 2003. p. 19-54.

SACROSANCTUM OECUMENICUM CONCILIUM VATICANUM II, *Constitutio Dogmatica de Divina Revelatione Dei verbum* (18 nov 1965), *Acta Apostolicae Sedis* 58 [1966] nn. 817-836.

SEPTUAGINTA EDITADA por A. RAHLFS (vol. II: Libri poetici et prophetici – editio quinta). Stuttgart: Pribilegierte Württembergische Bibelanstalt, 1962.

SILVA, Cássio Murilo Dias da. *Metodologia de Exegese Bíblica*. São Paulo: Paulinas, 2000.

SILVA, Cássio Murilo Dias da. *A Bíblia não serve só para rezar*. São Paulo: Loyola, 2015. <https://doi.org/10.17771/PUCRio.ATeo.24956>

THEOBALD, Christoph. Da Bíblia em teologia. In: MIES, Françoise (org.). *Bíblia e teologia: a inteligência da fé*. São Paulo: Loyola, 2011. p. 57-75.

TREBOLLE BARRERA, Julio. *A Bíblia Judaica e a Bíblia Crista: Introdução à história da Bíblia*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1999.

Leonardo Agostini Fernandes

Doutor em Teologia Bíblica pela Pontifícia Università Gregoriana (PUG), em Roma, IT, Itália; professor da Pontifícia Universidade Católica no Rio de Janeiro (PUC-Rio), RJ, Brasil.

Endereço para correspondência

Leonardo Agostini Fernandes

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Rua Marquês de São Vicente, 225, 11. andar

Gávea, 20253900

Rio de Janeiro, RJ, Brasil